

A capital não tem iluminação!

A cidade de Lisboa, logo que anoitece, mergulha-se na mais densa treva. A iluminação das ruas, que, segundo a letra do contrato existente entre a Câmara Municipal e as Companhias Reunidas do Gás e Electricidade, devia fazer-se por lâmpadas ou sua equivalência colocadas a 20 metros de distância umas das outras, é uma perfeita ficção. Há artérias onde se caminha às apalpadelas. Há ruas que oferecem um aspecto de profunda solidão, de sinistro negrume.

Atravessar a capital depois da hora em que lhe foi proscrito o seu grande bulício, é uma temeridade, é quasi um gesto heróico. E' temeridade porque o cidadão terá que defrontar-se com o primeiro malandrim que se oculte na escuridão para se apoderar da carteira do seu semelhante; é uma temeridade porque o cidadão terá que desafrontar-se com o cavalheiro que pela calada da noite o pretenda aniquilar, e é uma heroicidade porque, dado o estado em que se encontram os pavimentos, transitar por caminho de que não se vê o piso é aceitar a perspectiva duma queda que poderá ser de funestas consequências.

Se sairmos das artérias centrais e avançarmos em direcção aos bairros excentricos a escuridão é maior. Sem nos reportarmos mesmo a esses bairros, encontramos aqui, no bairro da Mouraria, no bairro da Madragoa e noutros, vielas completamente às escuras onde não se vê viva alma, onde se não distingue uma única coisa, um único ser.

A Câmara Municipal de Lisboa, que conhece muito bem o estado de iluminação das ruas, que verifica que a Companhia do Gás e Electricidade não respeita o contrato, faz ouvidos de mercador às notícias publicadas em alguns jornais e vista grossa para todo esse negrume. Não a preocupa que os munícipes não tenham iluminação nas ruas, não se interessa mesmo com essa ninharia. Se os munícipes não veem o caminho que abram os olhos...

E, devido a este desprezo, quasi se torna impossível sair a noite. Quando se resolveu a Companhia a respeitar o contrato? E' uma pergunta de resposta bastante difícil. A Companhia é um feudo que não ha leis que lhe façam frente.

O caso dos cantadores é bem sintomático. A Companhia não quis e não respeitou, apesar da Câmara se esfaltar em procurar convencer a população de que ia meter na ordem o poderoso monopólio.

Com a iluminação, problema muito mais intrincado, a Companhia faz o que lhe apetece, iluminando hoje esta rua o gás, amanhã a electricidade e deixando para o dia seguinte ao luar essa função...

Afinal, no fim de toda esta impotência da Câmara, tira-se apenas uma única conclusão: que nos problemas affectos à iluminação há só uma entidade para o resolver — a Companhia do Gás. No que diz respeito a outras medidas de interesse cidadão, só as entidades monopolizadoras desses serviços são senhores absolutos.

A Câmara Municipal só tem uma utilidade: cobrar as contribuições aos munícipes e arrancar-lhes a pele até ao osso.

AUXILIEMOS OS PRESOS!

Nos calabouços da policia e na mortifera Guiné dezenas de camaradas nossos sofrem duplamente as agruras do cativeiro e da fome. Suas familias, privadas dos braços que as mantinham, passam também vida de miséria.

A todos os operários conscientes, a todos os homens de carácter cumpre auxiliar hoje, com uma particula das suas férias, estas victimas imoladas ao tórvo ódio que é apanágio da sociedade em que vivemos.

Auxiliemo-los, pois!

As sensacionais revelações de Inocência Fecet sobre a Legião Negra em Espanha

Os tristemente célebres acontecimentos de Reus foram maquinados na «Jefatura», governando civil e circulo jaimista Ferrisa e Patronal de Reus. Tomaram parte Fulgêncio Vera, Nicanor Costa, Paulino Pallás e os irmãos Alvarado, os quais foram detidos, dando-se ordens em Barcelona para que os deixassem escapar do cárcere.

De Reus foram a Tarragona escondidos num carro de palha e desta povoação para Barcelona em automóvel. Estão implicados Anido, Arlegui, Junén e as principais figuras do Requeté, assim como a Patronal de Reus; dos executores está preso apenas Fulgêncio Vera. Pallás está de inspector do carris de ferro em Saragoça, Costa na «Ayuntamiento» de Barcelona e Alvarado tem um automóvel na praça Arco do Teatro, oferecido pelo dono do «Lão de Ouro».

Nestes successos teve um papel importante um fabricante de mosaicos de Reus; ignora-se o seu nome, porém creio que é fácil averiguar-lo, porque supponho que há lá só um.

Atentado Três Lits: Tomaram parte Manuel Simón, José Cinca, Carlos Baldrich, Casas Roura, Puentes, Sales, Torrens e vários «somatenistas».

De Homs não se sabe o seu passado, a não ser o que se diz na actualidade; está a soldo do ministério da «Governación», é o encarregado da vigilância dos elementos avançados de Madrid, e de que não passem despercebidos os que procedem de Barcelona; segue os passos de Barriobero; este já nunca ocazio esteve a ponto de morrer na Calle de Carmen por causa duma viagem que fez para uma defesa, que não pôde efectuar por suspensão do juiz, marchando Barriobero no mesmo dia para Madrid no Express. Homs foi quem o indicou a Calomarde e outro, que trabalhavam na casa de caridade. Actualmente Homs vive na rua Aduana, 4 pral. Costuma tomar café no Norte de la Gran Via, no Monopol e no Bar Flor, rua Alcalá, Madrid.

Medin Marti: Os pistoleiros Manuel Simón, Peñarroya, Puentes, Gascón, O Gato e Carlos Baldrich, capitaneados por Miralles, propuzeram-se assaltar o Sindicato da «carretera Matarrá», sustentando um tiro de fogo que ficou ferido o Gato. Refugiando-se num portal, quando Gascón se foi meter nele, Gato fez-lhe fogo, ferindo-o no peito, julgando Gato que o tinha morto, dirigiu-se ao Sindicato da rua Sacristanes e comunicou a Sales o que tinha acontecido, «o qual falou com Miralles e com a «Junta del Ramo del Agua, concordando-se em que Medin Marti era já um obstáculo para o sindicato, e que não era fácil matá-lo. O melhor era acusá-lo de atentado contra Gascón e o Gato, e assim se fez; na roda de presos, Gascón e os outros serviram-se, para reconhecer Medin, duma fotografia que lhes proporcionou Sales.

Todas as testemunhas deste julgamento estavam convencidas que Medin não tinha tomado parte no referido caso. Espera-se dum momento para o outro a celebração dum julgamento no qual pessoa mais bem inteirada do que eu neste assunto falará extensamente de Medin para confundir Sales.

Afonso Miguel: Parece que foi reconhecido pela viúva de Escartín por uma fotografia; está em poder desta senhora uma carta e a ficha. A Afonso Miguel acusei-o falsamente por indicação de Sales, por motivo duns tiros que dispararam contra mim em Abril de 1923. Em Maio de 1924 interrogaram-me novamente, para que me ratificasse, porém disse que não conhecia Miguel, e portanto teve de ser pósto de parte o sumário.

Gardeñas: Também foi acusado e reconhecido por fotografia. Neste assunto creio que interveiu Lasarte.

De todos estes assuntos existem cartas e documentos em poder de Sales.

O atentado de Severas foi preparado por Anselmo Roig e «Banca». Roig tomou parte directa no facto. Inteiro do caso, Portela deteve a todos os que faziam parte do Conselho Director, sendo todos libertados, excepto Roig, Manuel Navarro, Blas Marin e Manuel Simón; estes dois últimos creio que não tomaram parte.

Portela, convencido por uma confidência que tanto Roig como Navarro tinham tomado parte no caso, esteve disposto a que o atentado não ficasse impune, porém as recomendações puderam mais do que ele, e foi o caso abafado. Portela parece que disse que não se calaria, e então Jaime Fort, do Sindicato Bancário, pôs uma certa importância à disposição de Sales, para que se matasse Portela, o que não se fez, porque Anido disse a Sales, que em vez de matá-lo, se lhe desse uma tarefa.

De tudo isto está inteirado Portela, e creio que deve ter em seu poder algum documento. Manuel Navarro (a) Rabal, é o autor do atentado do Metro. Ao ser detido pelo de Seseras deu um nome suposto; foi anteriormente, o official de antropometria (cujo nome ignoro) averiguiu pelas fichas que Navarro já tinha estado preso outra vez, porém, não deu conhecimento a ninguém, comprado o seu silêncio por cem pesetas que entregou Jaime Fort. A dita importância foi entregue na Administração em nome da ordenação do gabinete de Antropometria, quando do caso Loseras, o qual dividiu essa importância com um official, cujo nome ignora.

Poucos dias depois destes successos foi detido novamente «Rabal» em casa de Sales, e Lourenço Martínez conseguiu que o chefe da policia o pusesse em liberdade. Por causa do atentado do Metro, Hernandez subvencionou o sindicato «Livres» com 500 pesetas que cobrava Lagunas mensalmente. Hernandez encarregou a Lagunas que procurasse um «pistolero», para que assassinasse Ferrer, delegado do póço 3, o qual me chamou, porém, pedi-lhe duas mil pesetas adiantadas, que não me quis dar.

Acontecimentos de Matarrá: O patrão Fábregas, presidente da Patronal, deu ao «Livres» 46.000 pesetas por estes acontecimentos.

Atentado dos metalúrgicos na calle Mercaderes: Foi executado por Carlos Baldrich «Oncler».

Do conselho dirigente do «Livres» forma-

A SAUDE DO POVO

Uma peregrinação pelo hospital do Destêrro onde se nos depaeram alguns quadros desoladores a que urge pôr cõbro

Visitámos ontem o hospital do Destêrro, instalado no antigo convento do mesmo nome que foi fundado pelos frades bernardos em 1591. E' o estabelecimento hospitalar destinado à clinica dermatológica, sifiligráfica e urológica. Por circunstâncias estranhas aos desejos do seu corpo clinico, no hospital do Destêrro faz-se hoje clinica geral, não sendo respeitado o seu principal fim.

A nossa visita foi um pouco demorada. Pela primeira vez não pôde acompanharnos o illustre director dos hospitais civis dr. sr. João Pais de Vasconcelos, porque os boatos de revolução obrigaram-no a permanecer toda a noite no hospital aguardando os acontecimentos. Todavia o dr. João Pais, que delegara no sr. José Simões, fiscal geral dos hospitais civis, o encargo de nos servir de cicerone, quando terminávamos a visita chegou ao velho edificio do Destêrro para cumprimentar os redactores de *A Batalha* e afirmar o seu respeito pelo interesse que ao jornal operário tem merecido a situação dos hospitais.

Nós, o sr. José Simões e o fiscal do hospital do Destêrro sr. Leitão, um simpático velhinho com 48 anos de exercicio nos hospitais, iniciámos a visita pela cozinha do hospital que, devemos confessá-lo, é irrepreensível. Convém frizar que ainda não há muito tempo a comida para os doentes vinha do hospital de São José e quando chegava ali, com o transporte, era pouco recomendável. E', como se vê, um importante melhoramento que muito aproveitou aos hospitais.

Confiçua a esta dependência, está em construção a dispensa e o refeitório destinado ao pessoal, de aspecto muito agradável.

Passamos depois às dependências onde se realizam as consultas de mulheres e de homens. Na segunda, lá encontramos um dos enfermeiros mais conhecidos da Lisboa dissoluta e estúrdia, o bom Roberto, expresso grave, atencioso e delicado. Qualquer destas dependências não são recomendáveis, em nenhum dos sentidos...

Uma visita às retretes públicas, por decôr não classificamos o seu estado, e entramos no balneário. Impressão péssima.

Nos pavimentos faltam umas chapas que cobrem os escosadores, vindo-se, por isso, enormes buracos, que são outras tantas raioas. Os tectos e as paredes viscosas e nauseantes tornam sordida a dependência.

A alguns reparos o fiscal Leitão atalla: — Já foram requisitadas obras que se não fizeram em virtude da alegação de que se vai remodelar o balneário, introduzindo-lhe os melhoramentos que o tornem razoavel. E' esta a razão porque não se fizeram as obras.

Vamos entrar agora nas enfermarias.

A de São Fernando é a primeira, 70 camas, cirurgia. Principiamos a dividir aqui a fisionomia conventual do estabelecimento.

No que concerne a higiene é regular. Há umas deficiências no tratamento dos doentes, própria, segundo nos disseram, do regime de miséria em que vivem os hospitais.

Uma coisa, porém, se começa a notar. As dependências são frigidísimas e nas paredes vislumbra-se um quê de humidade, porque estão abaixo do nível do solo.

Enfermaria São Bernardo. — Deficiências de vária ordem. Espalhados pela enfermaria uns escarradores impróprios que facilmente se podem substituir. O frio aqui é mais intenso. O pessoal e os doentes queixam-se de que a humidade é de tal forma intensa, que o reumatismo não se faz esperar.

Um enfermeiro faz sentir ao fiscal sr. Simão parte os jaimistas António Olivares, Rico, Pedro Roma, Laguna, Baratel e Sales estes celebraram reuniões às quais concorriam Anglada e outras figuras do jaimismo que intervinham nos factos indirectamente.

Eram chefes de grupo António Olivares, Rico e Sales, que intervieram directamente nos factos em companhia dos indivíduos Requelí, Miguel Serré, Miguel Fernandez, Beltrán, Puentes, o «Sevilhano», Nicanor Costa «Gravata», Casas, Rafá, Roura, Dista e outros. Destes eram «somatenistas» Olivares, Rico, Casas, Rafá, Roura, «Sevilhano», Puertón e Olivares.

António Olivares e Rico são a alma de «La Protesta», as indicações parecem ser do cadastro que possui o «Livre», este possui um bastante extenso que está em poder de Sales, que o recebeu de Arlegui.

Tarrag também possui outro com as indicações de todos os criados de Barcelona; tem-no guardado no sindicato de Calle Pionette. O de Sales ignora onde está; porém com paciência irá a vossa pedido, assim como os documentos que possui. Se continuarmos nossas relações, não vos faltarão documentos, recibos de quantias entregues aos «pistoleros» e dos patrões ao «Livres».

Os que possuem documentos de factos, sabê-lo heis no dia em que esteja na rua, e falemos um pouco claro, pois até à data não sei a quem vou passar as informações que dou, informações que serão depois mais exactas. Posso-vos fazer uma história duma certa extensão, porém, quando sair à rua, e recolher alguns dados, nomes e apelidos, na sua maioria. De documentos pessoais, tenho algumas cartas, porém, estão em Madrid numa mala; estes também passarão para vós poder, e vos darei elementos de planos de atentados contra políticos liberais, se vos interessarem, senão dá-los heis directamente aos interessados.

Dados de atentados contra Pestaña, Peiró, Amador, Bosco, etc., assim como quem os paga e as qualidades, os tirei dum meio em que não faria nada, e vos costará muito mais do que vos cobrarei, e, enfim, farei uma guerra eficaz aos vossos inimigos.

Agora depende tudo do vosso segredo e comportamento. Com os dados que vos forneço tereis o suficiente para vos convencerdes de que os vossos são úteis, e não julgais que procuro a minha reabilitação; não sonho com isto.

Tendes a palavra, e muito ôlho, pois saibamos vingar-me da mesma maneira que soube ajudar-vos duma forma que não é possível uma traição da minha parte.

Inocência FECET

Um operário agredido bárbaramente a cavalo marinho por três feras policiais

No dia 20 de Novembro último foi agredido a tiro um policia, numa pedreira próxima à rua do Arco do Carvalhão. A policia como não descobriu o autor ou autores da agressão deu-se logo em procurar arranjar victimas, estabelecendo assim o bárbaro critério de que os inocentes devem pagar pelos culpados.

O operário caldeireiro José Velez foi preso 8 dias depois, por suspeita de ser o autor da agressão. E' claro que nada tinha que ver com esse caso e facilmente demonstrou a sua inculpabilidade. Na esquadra dos Terramotos onde o preso se encontrava foi dada ordem para o transferirem para a esquadra de Arroios. José Velez safou-se 2 horas da madrugada acompanhado por três guardas que o conduziram até à pedreira onde foi agredido o policia.

Uma vez ali apontaram-lhe pistolas e intimaram-no a dizer quem tinha agredido o policia, caso contrário o matariam. José Velez teve nesse momento diante de si a visão da morte, e protestou a sua inocência, em que de resto elle acreditavam e a sua ignorância sobre o que se passara. Então os três policiaes em face da negativa puxaram por cavalos marinhos que traziam ocultos nos capotes e destaram a agredir bárbaramente José Velez. Depois conduziram-no até Campolide. Alí o preso, quasi desmaiado devido ás violências contra elle praticadas, atralou com seus gritos de dor dois policiaes que andavam de ronda, armados de carabina. Estes dois guardas depois de se certificarem do que se estava passando ainda agrediram o preso, distribuindo-lhe coronhadas.

O preso chegou ás 5 horas da madrugada à esquadra de Arroios em misero estado. Os janizaros deste pósto recusaram-se a consentir que o preso fosse receber qualquer tratamento. Nesta esquadra foi pesadamente tratado, só lhe sendo fornecido alimento de 24 em 24 horas, chegando uma vez a estar 32 horas sem comer. Esteve lá 9 dias. Se lá está mais tempo tinham-no morto a fome.

E' assim que os presos são tratados por uma corporação onde existem piores assassinos, tão bárbaros e tão cruéis como aquele que há dias assassinou corboardemente sua mulher e sua sogra.

Estamos vivendo numa sociedade de escrocos defendida por uma quadrilha de assassinos feridos. E' esta a única conclusão que se pode extrair. Resta-nos perguntar: por quanto tempo os suportaremos?

A atitude dos socialistas no Reichstag

BERLIM, 11.—A fracção socialista do Reichstag proseguiu ontem à noite nas suas deliberações e decidiu continuar a negociar uma grande coligação impondo como base que se proteja a Constituição de Weimar, que se reprima energicamente qualquer tentativa de restauração monárquica e se rectifique o acôrdo de Washington sobre o dia de 8 horas de trabalho, apresentando ao Parlamento a respectiva lei.

Notas & Comentários

Acordando tarde

Um grupo de intelectuais, segundo lemos em letra redonda, está altamente indignado por ser erigido no largo das Duas Igrejas um monumento a António Ribeiro Chido que foi um poeta popular contemporâneo de Camões. Sem querermos discutir as razões do seu protesto extranhámos que esse grupo tivesse acordado quando o monumento está quasi concluido.

Que esteve o tal grupo intelectual a fazer quando a Câmara Municipal votou o projecto do monumento? Provavelmente, a dormir... E não nos parece que o facto de ter acordado tarde lhe dê o direito de protestar talvez sem razão alguma. Se o grupo intelectual olhar à sua volta notará que lhe não faltam motivos justos para afirmar a sua rebeldia — se é disso que se trata.

A cura da tuberculose

A esperança voltou a animar os tuberculosos. A cura da perigosa enfermidade tem neste momento mais uma probabilidade. O professor Friedmann, da Faculdade de Medicina de Berlim, que há cerca de 16 anos faz a experiência da sua vacina, assevera que os resultados são admiráveis, pois além de extinguir o bacilo de Koch, evita que se gerem as toxinas, quasi sempre fatais aos doentes.

O professor Friedmann prepara a sua vacina com o bacilo da tuberculose espontânea da tartaruga, tratado por um método especial, pois os bacilos cultivados em animais de sangue quente são quasi sempre tóxicos.

O sábio alemão considera a sua vacina eficaz nos casos primários da infecção tuberculosa e, sobretudo, na imunização de crianças, filhas de tuberculosos, predispostas para o contágio e vivendo em meios contagiantes. Afirma que praticando-se a vacinação em larga escala, entre as crianças, as futuras gerações ficarão preparadas para resistir à tuberculose, a qual por esse motivo decrescerá nos seus casos graves, até se extinguir. A vacina do professor Friedmann é applicável aos animais domésticos, imunizando-os também.

Foi eleito o novo chefe do Estado

O Congresso da República elegeu ontem em segundo escrutínio o senador dr. sr. Bernardino Machado, presidente da República. O resultado não surpreendeu ninguém, sabido como é que as urnas falam o que as combinações políticas quiserem.

Teremos mais uma vez em Belém o dr. Bernardino Machado que um movimento revolucionário apouo do cargo de chefe do Estado, ao fim de 792 dias de exercicio presidencialista.

Para onde nos queremos levar?

Os presos sociais continuam jazendo no silêncio embrutecedor das esquadras e os deportados prosseguem, lá longe, na áncia dum problemático regresso.

A' ordem de quem? Dos juizes que os pronunciaram? Não. Por uma pronúncia baseada num corpo de delito directo capaz ou numa investigação imparcialmente feita? Também não. Na Africa há criaturas cuja razão se perturba, como o «Avante», para quem solicitei já a volta urgente à metrópole a fim de ser devidamente hospitalizado, e nas esquadras, algumas lóbregas, sem luz e sem ar, definham semelhantes nossos à espera de que lhes seja feita justiça.

Cá fora, nos sindicatos, ergue-se a voz de quem aponta o audacioso atropêlo à lei e logo a policia aparece proibindo violentemente, descabidamente, toda a expressão de pensamento, todas as liberdades, todos os direitos consignados na própria Constituição. Para onde vamos? Onde nos queremos levar fora do caminho recto da mais elementar justiça? Agora, como nunca succedeu nos tempos da monarquia que tanto malsinamos, é o pé descalço, é ao humilde, o povo da rua, a plebe, a a ralé, ou como lhe queiram chamar, que, ferida bem fundo nas suas prerogativas, se mantém dentro da ordem pedindo, em vez de exigir, o cumprimento dos mais rudimentares princípios da mais apregoadada democracia. E aqueles que mais deveriam zelar pela execução fiel de toda a matéria constitucional respondem com uma ironia feroz atalhando as esquadras de bocas que pretendem fazer calar com o aspecto marcial e já anacrónico das baionetas.

Isto não pode ser, isto não deve ser assim. Se a magistratura cruza os braços deixando-se espelhar pela policia, se os governos se calam por conveniências políticas de momento, se tudo anda invertido neste país, salve-se ao menos quem puder.

Apelo, pois, para as classes proletárias a fim de que, custe o que custar mas ordeiramente, sem o mínimo aspecto conflituoso, se resolvam a traçar uma linha recta, bannindo hesitações, para alcançarem as garantias de liberdade que lhes estão roubando. Porque o precedente está aberto e ninguém poderá prever quais as suas consequências funestas. Reponha-se a justiça no seu lugar e coloquem-se os presos nas cadeias privativas dos tribunais que já os pronunciaram. Abra-se a Constituição, que já vai ficando letra morta esfrangalhada aos poucos, e, agitando-a à luz do dia, pumpra-se a obrigação que compete a todo o homem livre ou que, pelo menos, o deseje ser.

Proteste-se pela lei dentro da própria lei. Não é crível, nem sequer suportável, que as secções policiaes se transformem em cartórios judiciais e que os policiaes, fardados ou não, lavrem tórvemente sentenças fingindo de magistrados e ordenando ora deportações ora prisões arbitrárias nas esquadras. Tudo isto é de pasmar a não ser que se tenham já trocado as bocas pelos chanfалhos, a pena pelo apito e o código pela pistola, sem falarmos no suplementar cavalo marinho...

Como os homens são e como os tempos mudam!

Mário MONTEIRO.
(Advogado)

CONFERÊNCIAS

«A escola na Rússia»

Realiza-se amanhã a segunda conferência da série que o professor sr. César Pórtia se propõe realizar sobre a Rússia actual. A conferência effectua-se na Escola Officina n.º 1 ao Largo da Graça, às 16 horas, e versará sobre a Escola na Rússia.

Na Companhia União Fabril

O pessoal da Companhia União Fabril abandonou ontem, pelas 13 horas, todos os serviços para dirigir-se em massa aos escritórios daquela celebrada companhia. Foi motivo o facto de anteontem ter sido afixada nas fábricas uma ordem de serviço em que os salários lhe eram reduzidos em 15%. Nos escritórios, emquanto a multidão dos operários aguardava na rua uma sua comissão conferenciou com o sr. Melo, um dos gerentes, o qual, após curta argumentação, ficou de se avistar com os seus colegas da gerência dando uma resposta decisiva até à próxima quinta feira.

O pessoal manteve-se tanto e disposto a defender os seus interesses.

Filipe Corridoni e o Sindicalismo

Filipe Corridoni foi um daqueles sindicalistas revolucionários que ao rebanar a conflagração europeia acreditou cegamente na guerra revolucionária de libertação, e em holocausto deu a ela a própria vida com a mesma fé e o mesmo entusiasmo juvenil com que tinha combatido as santas batalhas proletárias, e sofrido muitos encarceramentos e toda a espécie de privações. Este jovem, embora tendo sido intervencionista, nunca reneou as suas ideias, e antes de partir para as trincheiras, onde encontrou a morte, quis beijar a bandeira vermelha da União Sindical, exclamando: «Não se iluda a burguesia com o nosso patriotismo; voltaremos vencedores para retomar com entusiasmo decidido o santo combate do trabalho». Ele, que era de ânimo bom e generoso, julgava ilusoriamente que a vitória da guerra entre os Estados seria celebrada como uma vitória da liberdade e das reivindicações operárias, de que o estandarte vermelho é o símbolo. Corridoni, no entanto, não voltou. Voltaram os especuladores da guerra, do seu nome fazendo bandeira para cobrir as inimizades da mais nefasta política e as infâmias da mais despiada reação anti-proletária. O fascismo enalteceu o nome de Corridoni para acalmar as massas, para valorizar as suas proezas de Nero. O pensamento, as obras, toda a vida de Corridoni são a mais manifesta prova do seu anti-fascismo, antes e durante a guerra.

Quem o demonstra claramente é Giovanni Bitelli, um amigo e camarada de Corridoni também nas ilusões duma guerra revolucionária. O seu livro «Filipe Corridoni e o sindicalismo operário anti-guerrero» (1) apareceu oportunamente no momento, em que se explora o passado de Corridoni para fazer a apoteose do fascismo. Com traços breves, mas cheios de paixão e de afecto pelo amigo evoca a vida do «Pobresito de Pansola», como o autor lhe chama, aproximando-o pela sua austeridade e pelo amor à causa dos trabalhadores de S. Francisco de Assis.

O altruísmo fazia dizer a Corridoni: «O burguês é mau, porque está agarrado ao dinheiro, como a ostra à pedra; porque antes de ser homem é egoísta. Devemos nós esforçar-nos pela ditadura dum proletariado de igual modo insensível? Nunca! Devemos ensinar ao proletariado que tudo deve dar para o irmão que sofre...»

E acrescentava: «O exercício da solidariedade operária é tudo um sacrifício. Feliz quem se sacrifica pelo próprio camarada de luta».

Corridoni era um agitador das massas operárias e um organizador sindicalista que não tinha escrúpulos de espécie alguma em adoptar também os mais enérgicos meios de luta.

Dizia que a greve geral de protesto e de solidariedade era a única e verdadeira escola altruísta do proletariado. Defensor teoz da boicotagem e da sabotagem, desta última arma de luta foi um técnico, um iniciador pelo que sofreu prisões. Contra a ofensiva patronal sustentava e exaltava a fusão dos interesses, e a homogeneidade das forças de todas as categorias operárias, e aludindo à sabotagem acrescentava: «Não se tem radicado no cérebro de todos os operários a convicção de que na guerra de classe seria estúpido repudiar aqueles meios de luta que a natureza e a inteligência humana criaram...» «armas transitórias da luta do Sindicato» pois que «a greve geral de todos os trabalhadores pertencentes a qualquer ramo de produção é o único meio eficaz e idóneo para a definitiva expropriação da classe burguesa».

Estas suas ideias ratificou-as também Corridoni perante o tribunal de Milão em 1915. O livro de Bitelli, na evocação da figura e das ideias de Filipe Corridoni, faz um pouco de história do nosso sindicalismo e da União Sindical Italiana, que resplandece da glória. O autor fecha o seu livro com este conceito: «Se a revolução fascista senhora do poder tem necessidade, para viver, de instaurar como lei a violência, o arbítrio, o delito, então não devemos ensinar aos operários que a liberdade... é necessária como o ar à vida do corpo humano? E incita aos operários a reclamar ameaçadamente: — Queremos a liberdade! Viva a liberdade!»

FILONE.

(1) Giovanni Bitelli — Filipe Corridoni — Il sindacalismo operario antebellico, L. 3. Casa editrice «Modernissima», Via Vivaio, 10, Milão — Itália.

LOTARIA DO NATAL
3.600 contos
Bilhetes abertos em cauteias. 1566 4272, 4841, 4638.

Largo do Conde Barão, 55

Factos diversos

Foi decretado que o actual curso de estomatologia, da faculdade de medicina do Porto, seja transformado em curso de radiologia.

— Vai ser aberto concurso para provimento de uma vaga de professor efectivo do 1.º grupo do liceu da Horta.

— O sr. ministro da instrução encarregou o sr. dr. Alberto Madureira de Carvalho de, em comissão gratuita, estudar o progresso da cirurgia em Espanha, França, Inglaterra, Bélgica e Alemanha.

DENTES ARTIFICIAIS a 2500. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Coliseu dos Recreios
HOJE—às 21 horas—HOJE
O maior conjunto de celebridades mundiais
Ottagio Bill
nos seus fenomenais e arrebatadíssimos equilibristas a grande altura
A Bola Misteriosa—Batuda Americana—O Homem Macaco
FEROZES TIGRES REAIS
e todas as atracções da
Grande Companhia de Circo
Amanhã—IMPONENTE «MATINEE»
Bilhetes à venda
Brevemente—ADMIRÁVEL ESTREIA

Contra as deportações

Realiza-se hoje uma sessão no Sindicato dos Operários Municipais

Promovida pelo Sindicato dos Operários Municipais, realiza-se hoje, pelas 20 horas, uma sessão de protesto contra as infames deportações do governo Vitorino Guimarães. Falarão delegados do S. U. M., C. O. T., C. S. T. e Comissão Pró-regresso dos deportados.

Pede-se a todos os trabalhadores e em especial aos do município para que não falem a esta sessão de protesto.

Rurais do Cano

O Sindicato dos Rurais do Cano, reunido em assembleia geral, protestou contra as deportações e deliberou enviar um telegrama ao presidente da Câmara dos Deputados reclamando o imediato regresso dos que foram injustamente deportados para a Guiné e Cabo Verde.

Uma sessão de protesto no Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego

Realizou-se na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, com grande concorrência, uma sessão de protesto contra as deportações. Presidiu José Augusto, secretário do Alfredo Rodrigues da Silva e Américo Augusto.

Usou em primeiro lugar da palavra Abraham Coimbra, delegado da Câmara Sindical do Trabalho que atacou largamente as deportações sem julgamento e verberou o procedimento ultra-reaccionário dos governos da república.

A classe operária tem o dever de se erguer num protesto activo contra aqueles que a provocam, ferindo-a na sua dignidade, nos seus interesses e no seu espírito de justiça. E preciso que o operariado vá em massa ao parlamento protestar contra as violências exercidas pelo poder e reclamar o imediato regresso dos deportados.

Abel Pereira, do Socorro Vermelho, estabeleceu um paralelo entre os crimes praticados pelos poderosos e os delitos que são atribuídos aos humildes. Para os primeiros a impunidade está sempre assegurada, ao passo que para os segundos, a repressão é tão violenta que salta por cima de todas as leis e de todos os princípios de humanidade e vai até atingir inocentes.

Jaime Tiago, da Comissão Pró-Regresso dos Deportados, atacou com energia todas as violências do poder. Examina largamente a imoralidade e a corrupção existentes na sociedade burguesa, nesse estandarte de vergonhas, de burlas e de falsificações que diariamente vêm a público. Para as crápulas da burguesia as sanções dos códigos são letra morta, mas para os trabalhadores até se estabelecem procedimentos arbitrários na ansia de os perseguir, vexarem, prenderem e deportarem.

No dia em que se efectua a manifestação ao parlamento nenhum operário deve deixar de comparecer a afirmar o seu protesto contra as violências praticadas e a manifestar a sua solidariedade pelos que foram deportados.

Sebastião Marques, da Juventude Sindicalista, analisa largamente o que se passou em torno das deportações, atacando vivamente os que as promoveram e aqueles que as sancionaram com a sua aprovação ou de elas se fizeram cúmplices pelo seu propósito silencioso.

Aprecia os sucessos desenrolados nos meios financeiros e políticos, apresentando a corrupção neles existente como a consequência duma sociedade baseada no roubo.

Falam ainda na mesma ordem de ideias Manuel Marques, da comissão pró-deportados, João Gomes, Vasco A. Carvalho e Albino Ferreira, sendo em seguida aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Protestar contra todos os indivíduos que fizeram, autorizaram e sancionaram as deportações e a manutenção das prisões sem culpa formada;

2.º Secundar qualquer movimento de protesto que a Câmara Sindical venha a levar à prática.

A Câmara e a Companhia do Gás

Nos Paços do Concelho tornou a reunir-se ontem a comissão de vereadores encarregada, com plenos poderes, de solucionar o conflito com a Companhia de Gás, tendo já definitivamente assentado nas medidas a executar para cumprimento da moção votada pela Câmara em 5 do corrente de harmonia com os contratos e a lei.

Tchitcherine em Paris

PARIS, 11.—Tchitcherine chegou hoje a esta cidade onde se demorará 2 ou 3 dias, partindo seguidamente para Moscúvia com Rakowski para assistir ao Congresso dos Sóviets.

Queixas e reclamações

Um patrão caloteiro

De Evora escreveu-nos o operário pedreiro Bernardino José Alves queixando-se de que o industrial de cortiça de Azaruja, Joaquim da Costa Canelas, se recusa a pagar-lhe a quantia de 1.554\$00, correspondente a trabalho feito por aquele operário em proveito do patrão Canelas durante o largo período de 4 anos.

O operário Alves apresentou queixa à polícia de Evora não tendo esta ligado a mínima importância. Em compensação quando o patrão Canelas acusou um operário injustamente de roubo a polícia encarcerou-o.

E' assim a polícia portuguesa...

AGREMIações VARIAS

Sociedade «A Voz do Operário». — Na última assembleia geral foi aprovada unanimemente a seguinte proposta:

1.º—Que o bilhete de identidade dos sócios desta colectividade, criado pela comissão administrativa e que a esta data era facultativo, passe, a partir de 1 de Janeiro de 1926, a ser obrigatório para todos os sócios maiores do sexo masculino, seja qual for a sua categoria;

2.º—Que a partir de 1 de Abril do citado ano, o sócio será obrigado a apresentar o seu bilhete de identidade, onde lhe for necessário reconhecer a sua identidade; e, quando necessitar usufruir os direitos consignados nos estatutos ou no regulamento desta colectividade, tem que apresentar o citado bilhete aos corpos directivos, ou aos empregados encarregados dos serviços da Sociedade, para ser atendido, sendo-lhe somente dispensada a apresentação dos estatutos;

3.º—Que a comissão administrativa oficiará às empresas teatrais como comerciais, que concedam bônus aos sócios desta colectividade, que só poderão conceder essas regalias em presença do bilhete de identidade;

4.º—Que a comissão administrativa tomará as providências que julgar convenientes, para boa execução desta proposta, quando convertida em lei desta colectividade, e fará-lhe chegar ao conhecimento de todos os associados, para não ignorarem a sua aplicação.

Em consequência, são convidados todos os sócios, qualquer que seja a sua categoria, a requisitarem na sede social, nos dias úteis, e nas horas em que funcione a secretaria, o seu cartão de identidade. Essa requisição será feita com a apresentação do estatuto, fotografia do sócio e 1\$00, que é o custo do cartão. Para os sócios que não possam ir a horas em que a secretaria esteja aberta é-lhes facultado o virem à noite.

Grémio Livre dos Funcionários Públicos. — A direcção central deste Grémio, em sua sessão de ontem, tomou conhecimento dos boatos alarmantes que ultimamente têm corrido a propósito dum novo movimento revolucionário e resolveu ficar em sessão permanente até resolução em contrário e aconselhar os seus associados a permanecerem fiéis aos princípios democráticos e liberais, ainda que para isso tenham que sacrificar um pouco do seu sossego. Mais resolveu aguardar a publicação, no *Diário do Governo*, da melhoria ultimamente concedida, para depois de devidamente estudada se poder pronunciar, e ainda, apelar para as criaturas que nessa melhoria têm que intervir a fim-de que da sua parte não levantem embaraços à sua execução.

Foi resolvido, também, saúdar a sua delegação do Porto e Coimbra e proceder imediatamente à instalação das referidas delegações.

Hoje volta, novamente, a reunir a direcção a fim-de tomar conhecimento dos factos passados.

Adeiros de Portugal. — Por determinação da última ordem regional de serviço, são avisados todos os grupos de Lisboa para se concentrarem na sede do grupo n.º 11, palácio das Necessidades, pelas 12 horas de domingo, 13 de Dezembro, a fim-de proceder à vacinação de todos os adeiros ou médico deste Adailto, dr. sr. Luís Ramos.

Foi resolvido, também, saúdar a sua delegação do Porto e Coimbra e proceder imediatamente à instalação das referidas delegações.

Hoje volta, novamente, a reunir a direcção a fim-de tomar conhecimento dos factos passados.

Adeiros de Portugal. — Por determinação da última ordem regional de serviço, são avisados todos os grupos de Lisboa para se concentrarem na sede do grupo n.º 11, palácio das Necessidades, pelas 12 horas de domingo, 13 de Dezembro, a fim-de proceder à vacinação de todos os adeiros ou médico deste Adailto, dr. sr. Luís Ramos.

Foi resolvido, também, saúdar a sua delegação do Porto e Coimbra e proceder imediatamente à instalação das referidas delegações.

Hoje volta, novamente, a reunir a direcção a fim-de tomar conhecimento dos factos passados.

Foi resolvido, também, saúdar a sua delegação do Porto e Coimbra e proceder imediatamente à instalação das referidas delegações.

Hoje volta, novamente, a reunir a direcção a fim-de tomar conhecimento dos factos passados.

CRISE DE TRABALHO

Pessoal da União Fabril

O Sindicato Unico Metalúrgico convida a reunir na próxima terça-feira, pelas 21 horas, o pessoal metalúrgico da União Fabril, para tratar da baixa de salários que se prepara nesta empresa.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Para efeito de colocação são convidados todos os pedreiros e serventes que se encontram inscritos na lista dos operários sem trabalho a comparecerem hoje, pelas 10 horas da manhã, na sede deste organismo, Calçada do Combro, 38-A, 2.º.

Sindicato Unico Metalúrgico

A convite deste sindicato reúne na próxima terça-feira, pelas 21 horas, o pessoal da União Fabril para tratar da baixa de salários que se prepara nesta empresa.

Continua aberta a inscrição para os operários sem trabalho todos os dias úteis, das 20 às 22 horas.

A RENOVACAO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

Contra os mouros

PARIS, 11.—Afirma-se que o marechal Petain está elaborando um plano espanhol para a guerra em Marrocos.—L.

BAIXA DE SALÁRIOS

A grande sessão de hoje no Sindicato dos Manufatureiros de Calçada

O Sindicato dos Manufatureiros de Calçada está altamente empenhado num movimento cujo fim é a manutenção dos actuais salários dos operários daquela numerosa classe, que os patrões pretendem reduzir. Para que esse movimento tenha a máxima coesão, aquele organismo sindical acaba de editar um manifesto do qual extraímos este período:

«Neste momento grave para todos os operários da nossa indústria, vem mais uma vez o Sindicato fazer sentir à classe a imperiosa necessidade de nos unirmos, formando uma forte barreira em volta do nosso Sindicato, para, com garantia, nos opormos aos manejos dos industriais obreiros, a maioria dos quais, tendo sido operários, agora arrogantemente se arvoram em tiranos da classe, pretendendo reduzir-lhes os salários.

Alguns obreiros existem que, por os respectivos operários se terem movimentado, acedem novamente ao pagamento pela tabela do Sindicato.

Mas isto não basta! É necessário que nem um só obreiro se exima a respeitar a tabela, sob pena de nos tornarmos os mais miseráveis e obedientes escravos dos donos da nossa indústria, sempre prontos em nos arrancar a última gota de suor, que com grande sacrifício brota do rosto de todos nós. E, depois, o custo da vida ainda não desceu, para que possamos aceitar uma baixa de salários!

Os obreiros dizem não ter trabalho. É mentira, pois o que pretendem é fazer a crise para conseguir baixar os salários!

Que nenhum camarada aceite menos que a tabela, e venha à sessão magna que hoje, às 21 horas, se efectua na sede do Sindicato para resolver assuntos da máxima importância para a classe, como seja também o da importação de calçado estrangeiro que, em grande parte está invadindo o país, com manifesto prejuizo da classe, que continua sem ter que fazer».

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

NACIONAL

A SEVERA, o popular drama em que Ester Leão e Luís Pinto interpretam os principais papeis, repete-se hoje.

OCORRENCIAS DIVERSAS

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José, deu entrada João Rodrigues, de 48 anos, cosinheiro, cuja morada se ignora, o qual foi, no Rocio, atropelado por um carro electrico, ficando com várias contusões pelo corpo e chegando ao Hospital sem fala.

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e recolheu depois a casa, António Pedroso Galvão, de 43 anos, residente em Cheleros (Maíra), e que ali ficou entalado entre a parede e uma camionete, ficando contuso pelo corpo.

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, recolheu José da Silva, de 29 anos, electricista, natural e residente na Terragem (Cintira), que, na vila Estefania, em Cintira, caiu de uma escada, ficando com várias contusões no torax.

No posto da Cruz Vermelha do Calvario, foi pensado e recolheu a casa, João Ferreira, de 29 anos, descarregador, residente na travessa do Pê de Ferro, 24, 1.º, que, na muralha de Alcântara, ficou entalado entre um arco de ferro e um balde de ferro ficando ferido na mão esquerda.

No Banco do Hospital de São José, foram pensados e recolheram a casa, António Santos, de 20 anos, pasteleiro, natural do Gerez, residente na rua de São João da Praça, 90, loja, que, no largo de Santa Bárbara, foi agredido ficando ferido com uma facada no rosto, e Francisco António Ramos, condutor dos electricos, residente na rua Bernardino Ribeiro, 58, 3.º, que, em Santo Amaro, foi agredido com um chapéu de chuva ficando ferido no rosto.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

TEATRO GIMNASIO

Telefone C. 2814

HOJE às 9 1/4 da noite

REAPARIÇÃO DE PALMIRA BASTOS

NA PEÇA

Vida e Morte

DOMINGO

1.º concerto sob a direcção

do maestro Fão

O NOVO E SUMPTUOSO CAFÉ

DESTE TEATRO ESTÁ ABERTO

TUDO O DIA E NOITE

Entrada pela passagem Gimnásio

e rua Nova da Trindade

TEATRO NACIONAL

Telef. N. 3049

HOJE—às 9 1/4 da noite

REPETE-SE O SENSACIONAL DRAMA

A SEVERA

Peça altamente dramática, cheia de aparato

e representada com sucesso

mais de trescentas vezes

Protagonista Ester Leão

Encenação do professor ANTÓNIO PINHEIRO

TEATRO APOLLO

HOJE

PRIMEIRA RECITA

COM

A PEÇA

FRANCEZA

Primacial papel feminino

Adelina Abranches

'A Batalha' na provincia e arredores

Santarém

Duas pessoas mortas num desastre devido à cheia

Ontem, cerca das 24 horas, quando se dirigia a Almeirim num trem, a família do sr. Manuel Pacheco, servente da 4.ª repartição dos correios e telegraphos, foi este vítima dum trágico desastre que causou a morte às sr.ª D. Adelaide da Piedade Pacheco e D. Maria Ema, a primeira de 57 anos, esposa do sr. Manuel Pacheco, residente em Lisboa, e a segunda contava 19 anos e era filha de Francisco Quina, de Almeirim.

Haviam partido de Santarém, onde vieram assistir a um casamento, sofrendo o carro uma avaria na Ponte de D. Luís. Porém seguiram e ao passarem na estrada que conduz a Almeirim, perto da estrada de Alparica, estrada aquela que está coberta de água à altura de 0,70, aproximadamente, os cavalos espantaram-se e arrastaram o carro para a vala, voltando-se este, que se submergiu com as duas senhoras, sendo cuspidos para o lado da estrada, o sr. Pacheco, seu cunhado que o acompanhava e o cocheiro Luís. Atribue-se esta tragédia à inundação que estão sofrendo os campos, estradas limitrofes, pontes, etc., pela cheia pavorosa que só nos deixa ver uma enorme mancha pardacenta — reflexo sinistro de desgraça, fome e miséria, com os desastres que sempre ocasiona e a falta de trabalho aos rurais.

SÃO CARLOS

Mais uma noite de sucesso, visto que se repete o interessante PRINCEPE JOÃO.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão. Preço 10\$00.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2\$00.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 8\$00.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5\$00.

A História do Movimento Macanista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Sóviets), por Archinoff. Preço 10\$00.

A venda em todas as livrarias e na administração de A Batalha. — (Desconto aos revendedores).

ALVES DA CUNHA

Realiza-se esta noite, no Apolo, a 1.ª recita da brilhante peça, extraída do livro de Zola, A TABERNA, em festa do admirável actor Alves da Cunha.

OS QUE MORREM

João Palhavá

SINTRA, 12.—Faleceu no hospital desta vila, no dia 8, o operário da construção civil João Palhavá, camarada muito estimado por todos os seus companheiros de trabalho. O finado, que se encontrava há três meses no hospital, foi um dos reorganizadores do Sindicato da Construção Civil de Sintra pelo que a sua morte foi muito sentida por todo o operariado daquela indústria. Deixou viúva e três filhos.—C.

José Mendes

Após um doloroso sofrimento, faleceu o camarada José Mendes, antigo propagandista e companheiro de luta de Bartolomeu Constantino. O finado era pai do operário António Mendes, assassinado em 13 de Março de 1911 em Setúbal, por ocasião duma greve geral, e do militante da organização sindical dos trabalhadores do tráfego do Porto de Lisboa, José Augusto Mendes.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, saindo o préstito fúnebre da rua do Recolhimento, ao Castelo, 8, 1.º, para o cemitério do Alto de São João.

A Associação de Classe dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa convida todos os seus associados a encorporem-se no funeral do desditoso camarada.

Maria do Rosário

Faleceu a menina Maria do Rosário, filha do camarada António Moledo. O seu funeral realiza-se hoje, às 15 horas, saindo o préstito fúnebre do Beco da Mò, (às Escolas Gerais), 1, 2.º, para o cemitério oriental.

A Secção Profissional dos Estudadores convida os seus componentes a incorporarem-se no préstito.

Avelino dos Santos

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu ontem pelas 8 horas da manhã o sr. Avelino dos Santos, pai de António José dos Santos, impressor nas oficinas gráficas do Museu Commercial, realizando-se hoje o seu funeral, às 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Na casa da sua residência, rua da Paz, 66, 2.º, faleceu

AGENDA

CALENDARIO DE DEZEMBRO

S.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
S.																															
D.																															
S.																															
T.																															
Q.																															

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95\$00
Madrid, cheque		2\$80
Paris, cheque		\$74
Suica, cheque		\$379
Bruxelas, cheque		\$89
New-York, cheque		19\$60
Amsterdão, cheque		7\$50
Itália, cheque		\$79
Brasil, cheque		\$280
Praga, cheque		\$59
Suécia, cheque		\$526
Austria, cheque		\$277
Berlim, cheque		\$468

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional.—As 21.30.—O Príncipe João.
São Carlos.—As 21.30.—O Príncipe João.
Voltaire.—As 21.30.—O Príncipe João.
Trindade.—As 21.15.—O Príncipe João.
Ginásio.—As 21.15.—O Príncipe João.
Epil.—As 21.15.—O Príncipe João.
São Luís.—As 21.15.—O Príncipe João.
Tribuna.—As 21.15.—O Príncipe João.
Marta Vieira.—As 21.15.—O Príncipe João.
Coliseu.—As 21.15.—O Príncipe João.
Joaquim de Almeida.—As 21.15.—O Príncipe João.
Santo Yon.—As 21.15.—O Príncipe João.
Fil Vicente.—As 21.15.—O Príncipe João.
Tribuna Ligeira.—As 21.15.—O Príncipe João.

CINEMAS
Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Cidade Terceira.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.—Tortoise.—Cine Paris.

ISQUEIROS
Pedras, Metal Aque, vendem-se no LATTI, do Conde Barão, Duja, 840, 100, 2850 milheiro, 25\$00.

Largo do Conde Barão, 55
Grande desconto aos revendedores

LIMAS NACIONAIS

UNIAO
MARCA REGISTRADA
Limas nacionais, vendem-se no LATTI, do Conde Barão, Duja, 840, 100, 2850 milheiro, 25\$00.

Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação d'este anúncio no *Diário do Governo*, citando todos as pessoas incertas que se julgarem com direito ao todo ou a parte da quantia de dois mil e cinquenta e dois escudos e cinco centavos (2.052\$05) relativa à liquidação das contas deixadas pelo assentador de 2.ª classe, Nascido Augusto Pereira, falecido em 1 de Outubro de 1924 e a cuja quantia se habilitou sua mãe, Maria Joana, como única e legítima herdeira.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 10 de Dezembro de 1925.—O Secretário da Direcção, Joaquim Rocha.

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha".

A sair por estes dias a 9.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

12-12-1925

OS MISTÉRIOS DO POVO

N. 538

Valério, Lopes & Ferreira, L.^{da}

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para cadeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

Ed. R. do Amparo, 86—LISBOA—TELEF. 3930, N. 3930, N. 3930, N. 3930

Misericórdia de Lisboa

A Comissão Administrativa das Loterias faz público que, a fim de prevenir futuros prejuizos aos portadores de cauteias da proxima Loteria do Natal de 23 do corrente que tenham sido emitidas pelo Camista António Maria Rodrigues, estabelecido na Rua da Prata, n.º 60 e 62, resolveu recolher todas as referidas cauteias, pagando aos portadores das mesmas o preço do custo nelas indicado até ao dia 19 do corrente.

Este pagamento será feito na Tesouraria da Misericórdia todos os dias uteis das 10 e meia às 15 horas.

Passado esse dia, as cauteias emitidas pelo referido Camista António Maria Rodrigues, e referentes à citada Loteria de 23 do corrente, deixam de ter qualquer valor, não sendo pago nenhum premio que as mesmas podessem caber no sorteio a realizar.

O Presidente, (a) José da Silva Ramos.

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.^a

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Telefone N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões—Dr. Armando

Narciso—As 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas

4 horas.

Ribe, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães

10 horas.

Fele e siliis—Dr. Correia Figueiredo—II e

as 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R.

Leal—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—

3 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—

12 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.

Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4

horas.

Raio X—Dr. José de Padua—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Bento—4 horas.

BREVEMENTE

Almanaque de A BATALHA

para 1926

Um volume de 160 páginas contendo,

além de muitos retratos e fotografuras de

acontecimentos, a seguinte interessante

materia:

O almanaque do ano. Indicações

úteis. Resumo diário dos

factos notáveis da vida operária

portuguesa. Os grandes acontecimentos

mundiais. Militantes e

propagandistas mortos. Organi-

zação sindicalista. Legislação

operária. Endereços dos organismos

operários nacionais. Aménidade

científica, filosófica, artística e

revolucionária.

Preço do Almanaque de "A Bata-

lha" para 1926—cinco escudos.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja

Gonçalves Correia — A Felicidade de

todos os seres na Sociedade

Futura.

José Prat — A burguezia e o prole-

ariado.

A necessidade da Associação.

Content — Contra o confusãoismo.

Alfredo Neves Dias — Razão (poema

social).

Landauer — Social Democracia.

R. Mela — O principio do fim.

A maçonaria e o proletariado.

J. Most — Peste religiosa.

J. Rio

Trovas da noite.

Definições sociais.

O Cavadro (estros).

Horas anárquicas (versos).

Carnet de Pensamento.

J. Bakunine — No sentido em que so-

mos anarquista.

Chueca — Como não ser anarquista.

B. Lazare — A Liberdade.

J. Etrevant — A minha defesa.

Kropotkin

A mocidade.

Os bastidores da guerra.

Moral anarquista.

O espirito revolucionário.

J. Guedes — Lei dos Salários.

Briand — A greve geral.

Roland — Rússia Nova.

O sindicalismo e os intelectuais

D. Carvalho — A gestão sindical no

periodo revolucionário.

A. Hamon — A crise do socialismo

J. Santos — A transformação da

sociedade.

Neno Vasco

Georgicas.

Greve de inquilinos, teatro.

Domela — Pátria e Humanidade.

Proletariado Histórico.

G. Archinoff — A Revolução e o

Sindicalismo.

Carlos Rates — A ditadura do prole-

ariado.

Emilio Chapelier — Porque não

creio em Deus.

N. Lenine — A luta pelo pão.

Rodolfo Rocker — O sindicalismo

revol. e a organização operária

Trosky — Constituição politica da

República dos Sovietes.

G. Williams — O Congresso da

Internacional Sindical Verme-

lha.

C. de G. O. N. M. — Procriação

consciente.

José Torralvo — A Revolução.

Léio O. Zeno — Problemas uni-

versitários.

La Revista Blanca — Arte, Scien-

cia e Literatura. Cada número.

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

2\$00

Livros em espanhol

A' venda na administração

de A BATALHA

10\$00

20\$00

2\$50

1\$50

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00

1\$00



A Conferência Nacional do Socorro Vermelho

Foram aprovadas todas as teses e eleito o novo Comité Central

Realizou-se em Lisboa a Conferência Nacional do Socorro Vermelho. A primeira sessão foi aberta por Joaquim Rodrigues, que realizou uma exposição pormenorizada dos motivos que determinaram a sua realização e convidou a assumir a presidência João Luís, delegado do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, que é secretário-geral por António de Carvalho, delegado da secção regional do Porto e por Joaquim da Silva da cédula da fábrica da pólvora de Barcarena. Encontram-se representados a secção regional do Porto e as células de Sobral da Adiga, de Vale do Vargo, Tunes, Aldeia Nova de São Bento, de A Batalha, partido comunista, partidários da I. S. V., sindicatos dos arsenais do exército e da marinha, dos alfaiates, dos fogueiros de mar e terra, ferroviários da C. P., pessoal dos rebocadores e gasolinhas, fábrica de material de guerra, funcionários e operários do município.

Foi apreciado o relatório moral e financeiro do C. C. Ernesto Bonifácio propõe que se tente uma aproximação com a Comissão Pró-Regresso dos Deportados. José de Sousa entende que se deve deixar ao futuro comité essas questões pois ele as resolverá de maneira a prestigiar o S. V. O relatório é aprovado.

A 2.ª sessão foi presidida por José de Sousa secretariado por José Tomás Martins e Henrique Ferreira.

Entra-se na discussão do relatório sobre questões administrativas. Sobre ele falam Caetano de Sousa, José Rodrigues e Grácio Ramos que se refere à passagem que trata dos filiados do Partido Comunista e das suas relações com o S. V. e acentua que ela pode ser tomada como uma censura ao referido partido e que a essência dessa passagem deveria ser discutida mais num congresso do partido do que na conferência do S. V.

João Luís inquiriu se a consulta feita pelo S. V. à sua secção portuguesa se refere ao partido comunista em especial ou na generalidade a todos os organismos proletários seus aderentes. O secretário geral elucida que a I. S. V. inquiriu das relações que existem entre os organismos seus aderentes, em geral, e não de nenhum organismo em especial. José Almeida salienta o facto de se estar reunindo numa conferência nacional e não num congresso internacional, e por conseguinte todos sabem o que é o nosso país em matéria de comunistas.

Passa-se a seguir a discutir a tese sobre emigração política.

João Luís acha a tese interessante e completa. Incide várias discussões sobre a palavra política.

José de Sousa diz que dizer emigração política define mais a sua ideia. Emigração operária é menos expressiva. A tese é aprovada.

Preside à 3.ª sessão João Pedro dos Santos secretariado por José Ramos e Lhu de Araújo. É lido o relatório sobre o socorro.

Alberto Monteiro declara não se sentir à vontade tratando dum assunto que Ernesto Bonifácio levantou, porque é da Comissão Pró-Regresso dos Deportados. Todavia declara-se de acordo, fazendo parte da mesma delegação, com o teor da proposta de Bonifácio. José de Sousa requer que a proposta em discussão baixe ao futuro Comité Central para estudo. É aprovada.

Lê-se em seguida a tese «Remodelação dos Estatutos».

Abel Pereira diz que a tese não originará muita discussão porque está muito bem tratada. Há uma larga discussão sobre a maneira de ser dos sócios auxiliares. José de Sousa respondendo a várias perguntas diz que a organização de células é a mais completa, porque além de mais homogeneidade tem a representação proporcional. Estabelece-se uma pequena discussão e a tese é aprovada com pequenas rectificações, por unanimidade.

A última parte da ordem de trabalhos é a eleição do Comité Central. Origina várias discussões a maneira de votar, sendo aprovada a eleição nominal.

O Comité Central ficou composto por Alfredo Guilherme de Almeida, José de Sousa, M. Jorge da Costa, José Tomás Martins, Francisco Gonçalves, José de Almeida, Fernando Mota, Mariano Garcia, Henrique Augusto Ferreira, Ernesto Bonifácio, José Ramos, Caetano de Sousa e Manuel Maíra.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Sindicato Unico Metalúrgico do Porto

O 1.º Serão de Arte

É hoje e amanhã, respectivamente pelas 21 e 20 horas, que se realiza esta festa operária que tanto entusiasmo tem despertado no seio da classe metalúrgica.

Para a realizar conta-se com a vinda de Coimbra dum prestimoso professor, o qual realizará uma conferência na noite de domingo.

É de crer que o Sindicato Unico Metalúrgico, rua de Camões, 364, 2.º, seja fartamente concorrida nestes dias.

Estão em distribuição os convites que podem ser procurados na sede.

Reunio dos Congressos dos Serviços de Saúde

Reúne hoje, às 21 horas, na rua Augusta, 141, 2.º, os delegados das Associações de Classe aderentes a este congresso a fim de dar cumprimento às resoluções ali aprovadas.

Depois de uma luta de seis semanas findou a greve dos operários corticeiros com vitória parcial

Nota do comité da greve

Aos operários corticeiros e a toda a organização operária

Camaradas: Durante 6 semanas se arrastou a nossa greve com sacrifícios inenarráveis para milhares de criaturas e contra a insensibilidade dos nossos industriais.

A nossa resistência julgamo-la suficiente para afirmar a toda a nossa gente que nós não dominamos a cobardia. Os frutos desta luta, grande em duração e em número de lutadores, não foram completos; mas conseguimos a classe corticeira que os seus salários ficassem com a única redução de 5% sobre os salários que auferiamos em Junho de 1924, e a garantia por parte dos industriais de que não serão exercidas represálias sobre os operários.

Incompleta a nossa vitória, todavia, ela foi algo no momento passa, mormente porque nos faltaram elementos para uma prolongada resistência e não obtivemos a devida solidariedade das classes de transportes.

Este comité, ao dar por findo o movimento grevista, saudá todos os corticeiros que tão nobremente souberam manter as tradições da sua classe lutando até final, e exorta toda a numerosa família corticeira a estreitar cada vez mais entre si os laços de solidariedade, base essencial para a conquista de uma era de mais bem-estar.

A todos os trabalhadores que espiritualmente nos acompanharam na luta, este comité também saúda efusivamente, convencido de que em muito contribuíram ao alento e solidariedade que nos prestaram para a solução que, honrando-nos, honra sobremaneira toda a Organização Operária.

Federação Corticeira Nacional

Reúniu o Conselho Federal para apreciar a resposta dada pelos industriais à plataforma de solução da greve que pela Federação Corticeira lhe foi apresentada.

O Conselho constatou que a classe ainda possuía condições que lhe permitiam continuar a luta por mais tempo, mas, analisando os resultados prováveis dessa continuação de sacrifícios concluiu por reconhecer que se não obteria um êxito mais compensador do que o estabelecido na plataforma que os industriais aceitaram e que constam da seguinte circular enviada a todos os sindicatos corticeiros:

Presados Camaradas:—Como é do vosso conhecimento, o Conselho Federal tem empregado todos os esforços e quanto a inteligência dos seus componentes facultada, no sentido de conseguir-se a solução do movimento grevista como vitória para a classe.

Porém, apesar da resistência oferecida pela classe em greve, o conselho vinha constatando, dia a dia, não vos ser prestada a solidariedade moral que, por mais duma vez e insistentemente, havia reclamada das classes dos transportes—especialmente as classes marítimas do porto de Lisboa—falta esta que dava aos industriais uma capacidade de resistência que suplantava a dos operários.

Perante este facto o Conselho considerou difícil, senão impossível, demover os industriais das suas pretensões, e para conseguir-lhe seria forçoso manter-se o movimento por um longo período de tempo, que dada a sua extensão, a época e o estado de todas as indústrias, não dava ao Conselho a absoluta confiança na vitória. Prevendo, pois, que este facto poderia contribuir para a perda do movimento, o que seria de resultados funestos para a organização corticeira e de comprometimento para o seu futuro reivindicador dum modo especial, como para toda a organização operária dum modo geral; o Conselho resolveu apresentar aos industriais a plataforma seguinte:

A Ex.ª Comissão de «Démarches» da Secção de Cortiças da Associação Industrial Portuguesa.—A Comissão da Federação Corticeira Nacional, no intuito de solucionar o conflito actual, sem quebra de dignidade para nenhuma das partes, propõe a seguinte solução:

Dividir ao meio a baixa de salário em questão, a regularizar pela seguinte forma: retirar uma quarta parte do aumento de 20%, de Junho de 1924. Que não haja represálias na readmissão do pessoal, como aliás tem sido o costume até hoje.—Lisboa, 7 de Dezembro de 1925.—A Comissão.

Os industriais aceitaram esta plataforma, e, nestas circunstâncias, o Conselho Federal, reunido a 10 do corrente, resolveu dar o movimento por terminado, devendo todos os operários que se encontram em greve regressar às fábricas, ocupando os seus lugares no próximo sábado, 12.

Conscio que os camaradas avaliarão conscienciosamente os esforços do Conselho e os seus objectivos ao tomar a resolução que pôs termo ao conflito, ele aguarda por conseguinte que todos os operários corticeiros se conduzam, neste momento difícil, dentro da dignidade que lhes é tradicional para a interese da organização corticeira e o seu futuro.

Viva a Classe Corticeira! Saudações Sindicatistas.—João Matias Rocha, secretário geral.

O Conselho resolve saúdar toda a classe corticeira que tão acendradamente soube lutar pela defesa dos seus interesses, e saúda também todos os trabalhadores e organismos operários que prestaram aos grevistas toda a solidariedade na luta contra o patronato. Não esquecendo também os indivíduos que actuaram no sentido de destruir o movimento, resolve manifestar-lhe toda a sua repulsa, esperança de que de futuro não sejam quebrados os laços de solidariedade que devem unir nas lutas reivindicadoras todas as vítimas da exploração capitalista.

No Barreiro

Os corticeiros reunidos ontem para tomar conhecimento das resoluções do Conselho da sua Federação, apesar de estarem animados do espírito preciso para continuar a luta até vitória completa, resolveram aceitar a plataforma estabelecida entre a Federação Corticeira e a Secção de Cortiças da Associação Industrial Portuguesa, pelo que retomaram hoje o trabalho.

No Póço do Bispo

Em sua reunião de ontem os corticeiros apreciaram a solução dada pela Federação Corticeira à greve que já durava há 6 se-

manas. O delegado da classe ao Conselho Federal expoz as bases de solução que o mesmo aprovou e que são da aceitação de uma redução de 5%, e não 10 como os patrões pretendiam. Depois de vários camaradas terem apreciado a forma como o conflito foi solucionado, alvitando-se que a classe deve preparar-se para oportunamente reclamar o que lhe tem sido usurpado, foi demonstrada a necessidade de engrandecer a Associação. Por fim foi aprovada a seguinte moção:

Os operários corticeiros do Póço do Bispo ao terminarem a sua luta contra os seus verdugos resolvem: 1.º lavar o seu mais veemente protesto contra as deportações e prisões sem culpa formada há mais de 8 dias; 2.º acompanhar qualquer movimento a levar à prática de iniciativa da C. G. T. ou C. S. T. tendente a fazer terminar tão infames prepotências.

Esta moção foi aprovada por unanimidade, aos gritos de abaixo as deportações, sendo levantados vivas à Federação Corticeira, à união dos trabalhadores, e abaixo os traidores, sendo excelente o moral de todos os corticeiros.

Em Almada

Reúniu a classe, na sua totalidade, para tomar conhecimento das resoluções da respectiva Federação, sobre a solução da greve, sendo discutida acaloradamente a atitude dos industriais.

A assembleia aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º—Ratificar a sua confiança no seu delegado ao Conselho Federal da F. C. N.

2.º—Acatar as resoluções da Federação, aprovando a circular da mesma.

3.º—Não consentir que de futuro trabalhem nas fábricas corticeiros que não sejam sócios dos respectivos Sindicatos.

Em Belem

Reúniu ontem a classe corticeira para apreciar as resoluções tomadas pelo Conselho da sua Federação sobre a solução da greve, tendo sido, depois de larga discussão e por maioria, aprovada a matéria contida num ofício daquele organismo federativo.

Por fim e por unanimidade foi aprovada a seguinte moção:

Os corticeiros de Belém ao retomarem o trabalho protestam indignadamente contra a acção exercida pelos actuais dirigentes da Federação Marítima, considerando-a uma traição à classe corticeira; mais resolve: Tornar bem expressivas às classes trabalhadoras as responsabilidades que cabem aos referidos elementos marítimos, na duração e forma como termina o nosso movimento.

Mais comunicados da greve.

Das restantes localidades, de algumas sabe-se que os grevistas, acatando as resoluções tomadas pela Federação Corticeira, retomaram hoje o trabalho, enquanto que de outras, devido ao pouco tempo, se aguardam comunicados.

Donativos recebidos

Transporte, 739\$60; N. N., 5\$00; Um operário, \$50; Entregue pelo Sindicato Corticeiro de Almada de uma quete de quatro camaradas, 20\$00; Quete tirada na Associação dos Manufactores de Calçado de Lisboa, 31\$00; Quete tirada entre os camaradas do Tráfego do Porto de Lisboa, 23\$00; Francisco Miguel de Azevedo, \$500; Quete tirada entre o pessoal do quadro tipográfico de «A Batalha», 36\$50; Sindicato dos Operários Mineiros de São Domingos, 70\$00; Quete entre um grupo de camaradas por intermédio do Sindicato dos Rurais de Borba, 26\$50; Abílio Jaime Barreiros recluso n.º 342 da Cadeia Nacional, 10\$00; Teodoro, 5\$00; Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa, 32\$65. Total 1.212\$35.

Uma importante sessão em Evora

EVORA, 10.—Sob a presidência de Inácio Murteira, secretariado João Empadinhas e António Camões, reuniu-se em assembleia magna as classes da construção civil a fim de se ocuparem da crise de trabalho. Estavam presentes delegados da Federação da Construção Civil e do Núcleo Juventude Sindicalista de Evora.

O primeiro camarada a fazer uso da palavra foi Joaquim Alves Barão que num rápido discurso se referiu às causas determinantes da greve, especialmente, no que concerne à paralisação das obras do Rosário de Abrantes, a qual é motivada pelo facto de a Câmara ter feito uma concessão por mais dois anos aos proprietários das referidas obras, pois se tal concessão não se fizesse os proprietários ou acabariam as obras, ou perderiam o direito a tudo quanto tinham feito.

Segue-se João Miranda, delegado da Federação da Construção Civil, que se reporta largamente à crise de trabalho e à crise de habitação, tecendo em volta destes dois problemas judiciosas considerações que empolgaram a assistência. Lamentando a falta de energia do operariado em face da gravidade do assunto, o orador, com profundo conhecimento de causa, disserta sobre sindicalismo provando com exuberância as vitórias alcançadas pelo operariado quando luta colectivamente.

Referindo-se aos desmoronamentos de vários prédios, em virtude da sua deficiente construção, João Miranda aconselha o operariado a desenvolver uma intensa campanha que faria os construtores arripiarem caminho.

João Soares, António Pato, do N. J. Sindicalista de Evora, e Crisóstomo da Silva falam sobre o problema da crise de trabalho, apresentando este último uma moção tendente à solução do caso.

Falam sobre o documento alguns camaradas, sendo por fim aprovado. A sessão foi encerrada aos vivas à Batalha, revolução social e ao povo trabalhador.—E.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa dos Carpinteiros de Construções Navais.—Reúne amanhã, às 13 horas, a assembleia geral para resolver assuntos importantes.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

ATRAVÉS DA AFRICA

A eloquência dos números e o exagero das lendas

A Guiné actual já não justifica a fama sinistra do passado, mas ainda está longe dum mundo cor-de-rosa...

Aquela parte das pessoas que tiveram um pouco de paciência para acompanhar as minhas divagações acerca de Africa, divagações de vez em quando monótonas devido à maçadora mas indispensável literatura estatística, devem ter feito algumas objecções acerca do que escrevi sobre a situação económica da Guiné.

E, supondo-me embebido nas predileções do paradoxo, naturalmente raciocinaram assim:—Mas se os números referentes ao movimento comercial e das receitas da província se avolumaram, consideravelmente, como contestar que representam um crescente desenvolvimento da sua economia?

Continuarei a manter o que escrevi, afirmando que, efectivamente, esses números, apesar do seu valor ascendente, estão longe de corresponder àquele enorme sentido progressivo que a primeira vista parece quererem demonstrar. Sem dúvida, nos últimos anos, a Guiné caminhou; a sua marcha, porém, é ainda vagarosa e bastante irregular, como continuarei demonstrando com números colhidos em insuspetadas estâncias oficiais.

Analisando o movimento comercial dos últimos 20 anos, adquirimos a certeza de que a sua marcha, embora progressiva, é bastante moderada, nada justificando exagerados optimismos.

Em 1904 foi o movimento comercial da Guiné computado em 1.165 contos; em 1909 elevava-se a 1.816; em 1914 chegava a 2.458; e só em 1919 atingia 8.933 contos, devendo este último engrossamento de números filiarse: primeiro na pacificação de 1915 que foi reflectir-se no aumento da produção agrícola; e depois na desvalorização do escudo que, devido à guerra mundial, começa a pronunciar-se nesta época, mais decisivamente.

Como vemos, nestes últimos quinze anos a elevação do movimento comercial foi absolutamente gradual, sem saltos vertiginosos, e o aumento justifica-se, plenamente, no período de anos decorridos e nos acontecimentos já citados.

Vamos lá agora analisar o período que decorre de 1919 a 1924, que são, precisamente, os anos que servem às interpretações optimistas.

Em 1919 o movimento comercial foi de 8.933 contos, elevando-se em 1924 a esc. 11.646.697\$81. Em face, realmente, dum aumento tão sensível, tornava-se indispensável inquirir, para sabermos se esses números representavam um aumento de produção ou exportação, e neste caso um aumento real e extraordinário aumento de movimento comercial; ou se eram a consequência simples da alta da mercadoria em face da desvalorização do escudo, circunstância perfeitamente anormal e transitória que, por isto mesmo, nunca pode confundir-se com os resultados do autêntico desenvolvimento de qualquer região. Ora os elementos compulsados provam que se trata muito mais desta última hipótese, do que da primeira, como passaremos a expor:

Elis esses números, respeitantes à produção dos principais produtos e seus valores nos últimos 5 anos: em 1919 exportaram-se 9.686 toneladas de amendoa de palma, no valor de 1.750 contos, e em 1923 essa produção apenas se elevou a 10.305 toneladas, contudo, o valor destas toneladas atingiu a soma de 12.331 contos; em 1919 exportaram-se 16.792 toneladas de mancarra no valor de 1.587 contos, e em 1923 esta produção até diminuiu, sendo a exportação de 16.537 toneladas, mas apesar disso o valor da mercadoria atingiu 15.279 contos; em 1919 exportaram-se 66 toneladas de borracha no valor de 72 contos, e em 1923 a produção da borracha foi de 73 toneladas que renderam 308 contos; em 1919 exportaram-se 57 toneladas de cera que renderam 51 contos, e em 1923 essa exportação foi de 84 toneladas no valor de 266 contos; finalmente, em 1919 exportaram-se 624 toneladas de couros, no valor de 577 contos, tendo essa exportação diminuído em 1923 para 200 toneladas, mas aumentando o seu valor para 718 contos.

Não preciso maçar os leitores, nem safricar-me com mais números para afirmar que nos dados estatísticos que transcrevo não há sensível aumento de produção agrícola ou exportação comercial, mas apenas uma notável valorização da mercadoria, consequência natural da desvalorização do escudo, como já acentuei.

Ora, quer-me parecer que se não pode considerar aumento de movimento comercial números que acrescem unicamente devido à ocorrência acidentada de valorização das mercadorias, a não ser quando os números da tonelagem exportada e importada tivessem igualmente obido elevação correspondente—o que não sucede neste caso da Guiné.

Pode até dar-se o caso duma província intensificar, imenso, a sua vida agrícola e comercial, e a estatística dos seus valores ir diminuindo, quanto ao preço das mercadorias, ou porque a moeda se valorizou, ou porque determinados artigos de sua produção abundam nos mercados principais.

Ficamos, pois, em que os grandes números do movimento comercial da Guiné, trazendo embora uma tendência progressiva, são especialmente devidos à desvalorização do escudo. E o mesmo se pode concluir acerca do orçamento de receitas da província que, de 1.045 contos que era em 1919-1920, se elevou a 2.234 contos para o ano corrente—ou seja 22 vezes mais, aproximadamente a desvalorização da moeda.

O governo da província o que fez, e acertadamente, foi criar alguns impostos, actualizando as receitas, e nem de outro modo poderia fazer face ao acréscimo das despesas que, como se verá, lhe irão absorver os últimos rendimentos da previsão, não lhe permitindo atacar qualquer obra mais importante de fomento.

Suponho que estão perfeitamente esclarecidos todos os significados dos volumosos números estatísticos da Guiné. E não podia ser de forma diferente, porque o dinheiro não cae das nuvens, e porque as pouquíssimas empresas industriais e agrícolas instaladas na província, nos últimos anos, assim como as grandes concessões, por enquanto ainda não influem, ou influem pouco, na sua vida económica e social.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. Mobiliário.—Reúniu ontem a comissão de resistência juntamente com o pessoal da casa Serafim & Machado, a fim de tratar da reclamação do salário mínimo naquela casa. Para dar cumprimento às resoluções tomadas uma comissão de «démarches» procurará na próxima segunda-feira aqueles senhores.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE: Contra-mestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.—Para apreciar um requerimento dum grupo de sócios sobre a escala de embarque e nomeação de novos corpos gereites para o ano de 1926, a assembleia geral, pelas 19 horas.

S. U. Mobiliário.—Comissão de resistência.—Deve comparecer hoje, das 18 horas em diante, o delegado da casa J. A. Leal.

DIAS PRÓXIMOS: Liga dos Oficiais da Marinha Mercante Portuguesa.—A Secção dos Capitães, no dia 14, pelas 10 horas.

Carpinteiros Navais.—Amanhã, pelas 12 horas, a direcção, o conselho fiscal e a comissão de melhoramentos a fim do tesoureiro apresentar contas da sua gestão.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Rurais do Cano.—Reúnem em assembleia geral tendo protestado contra a carestia da vida e contra o custo de alguns géneros e entre eles a farinha que é vendida a 1600 cada 10 quilos, o toucinho a 8 e 9 escudos e o chourico a 16 escudos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Comissão Organizadora da Secção de Santos.—Reúne hoje, pelas 20 horas, na sede da secção central.

Renovação
Revista gráfica
A 1 e 15 de cada mês
Preço esc. 1,50

Queda grave dum ferroviário

No comboio n.º 7 dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que partiu antemontem do Algarve (Vila Real) para Lisboa às 7 horas, vinha como revisor o guarda-freio de 2.ª classe, António de Oliveira Carvalho, de 28 anos, natural e residente em Alhos Vedros, quando ao passar de uma para outra carruagem entre Torre Vã e Alvalade caiu à linha, ficando muito contuso pelo corpo e com um grande ferimento na cabeça. Recebidos os primeiros socorros em Vila Vã, veio depois para Lisboa, onde chegou ontem transportado ao Hospital de São José, num auto da Cruz Vermelha, em cujo Banco foi observado pelo cirurgião de serviço, sendo ali devidamente pensado e recolhendo em seguida a casa.

SOLIDARIEDADE

Pró-José Neto de Sales

Um grupo de operários sindicados do Porto realiza hoje uma festa em favor do operário tégil José Neto de Sales, que se encontra há quatro anos. Haverá «quermesses» e um concurso de canção social pelos amadores Joaquim Ferreira, António Pinta Ramos, Francisco Marola, Evaristo Lacerda, Luís e Sérgio. A festa realiza-se na sede da Cooperativa Social, em Campanhã.

Pró-Joaquim Jorge

Realiza-se hoje a festa dedicada ao camarada Joaquim Jorge, no salão de festas da Construção Civil, a qual terá início às 21 horas prefixas, tomando parte o Grupo Dramático Solidariedade Operária que levará à scena o drama em 3 actos «Gatos de luva branca» e a comédia «A Teima». Abrilhanará esta festa um grupo musical de amigos do beneficiado.

Esta festa findará com um concílio poético no qual tomarão parte vários cultivadores da Canção Nacional.

Os poucos bilhetes que restam podem ser requisitados à entrada do salão.

Pró-José Pires de Matos

Conforme aviso expressamente feito, terminou ontem o prazo para as colectividades a quem foram enviados bilhetes para a festa a favor daquele camarada o liquidaram ou devolver, sendo considerados passados os que não forem devolvidos. A comissão de auxílio roga às comissões administrativas que atendam o seu delegado ou entreguem o produto dos bilhetes na travessa da Agua de Flor, 16, 1.º, no mais curto prazo de tempo a fim de não prejudicar o tratamento que Pires de Matos está fazendo.

Donativos recebidos e já entregues: Transporte, 1.839\$95; Rurais de Jeroménha, 20\$07. Soma, 1.859\$95.

Serviço de barbeiro

Um camarada barbeiro desempregado estará hoje, das 14 às 22 horas, na sede das Associações, calçada do Combro, 38-A, 2.º, exercendo a sua profissão, esperando por esta forma a solidariedade daqueles que desejem utilizar-se dos seus serviços.

Golfo da Guiné.—Setembro, 1925.

Juliano QUINTINHA

Tribunal dos Arbitros Avidores

No próximo dia 20 do corrente, pelas 10 horas, na sala das audiências deste tribunal, à rua da Boa Vista, 9, 1.º, proceder-se-á à eleição dos vogais efectivos e substitutos pelas associações operárias e pelas entidades patronais. Estes vogais devem comparecer ao Tribunal dos Arbitros Avidores durante os anos de 1926 e 1927.

Secção Telegráfica

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade
José da Silva.—O advogado chama-se Alexandre Sobral de Campos.